

“Maior dilema será a conta externa”

por Vera Saavedra Durão
do Rio

Um cenário de inflação em alta, juros estáveis, aumento ligeiro da apreciação cambial, desaceleração da atividade industrial e pequenos déficits comerciais foi desenhado pelo sistema de projeções qualificadas do Conselho Regional de Economia do Rio (Corecon), para o bimestre maio/junho, com base em estimativas de doze qualificados economistas, como Renê Garcia (diretor do Banco Arbi), Rodrigo Quental (CVRD), Reinaldo Gonçalves (UFRJ), Gil Pace (GPC-Consultoria), Uriel Magalhães (Um-Consultores), Cláudio Contador (UFRJ), dentre outros.

Os economistas estimam, em relação aos indicadores macroeconômicos, um crescimento de 4,6% do Produto Interno Bruto (PIB), neste ano, uma taxa de desemprego de 5,9%, uma taxa de investimento equivalente a 16,5% do PIB e um déficit público da ordem de 1,8% do PIB.

GAZETA MERCANTIL

Na avaliação de Luiz Carlos Prado, economista da UFRJ, o maior dilema do governo é o comportamento das contas externas. Na sua avaliação, a meta de um superávit comercial de US\$ 4 bilhões a US\$ 5 bilhões, já está comprometida. Sua ótica é de que, neste ano, ou a conta de comércio fecha com pequeno déficit ou um pequeno superávit. Paulo Passarinho, do Sindicato dos Economistas, não descarta uma pequena desvalorização cambial a partir de julho.

Adhemar Mirieiro, economista do Dieese, acredita que os juros deverão registrar queda, situando-se em termos reais em 1,8% até junho, o que já informa uma rentabilidade ano “espantosa”, perto dos 24% ao ano. Isso garante a vinda de investidores estrangeiros para o País e engorda um pouco a conta de capital da conta corrente do balanço de pagamento. Entretanto, não haverá como escapar de um déficit em conta corrente de 3% do PIB, acredita.